

Wallace da Costa Brito

A memória na contemporaneidade:
uma leitura freudiana

LETRACAPITAL

Copyright © Wallace da Costa Brito, 2020

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida,
sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização
prévia e expressa do autor.*

EDITOR: João Baptista Pinto
PROJETO GRÁFICO E CAPA: Rian Narcizo Mariano
REVISÃO: Do autor

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B877m

Brito, Wallace da Costa, 1975-
A memória na contemporaneidade: uma leitura freudiana / Wallace da Costa
Brito. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2020.
180 p. ; 23 cm.

Inclui bibliografia
ISBN 9786587594002

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Psicanálise. 3. Psicanálise e filosofia. 4. Memória.
I. Título.

20-64451

CDD: 150.195
CDU: 159.964.2

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781
vendas@letracapital.com.br
www.letracapital.com.br

Wallace da Costa Brito

A MEMÓRIA NA CONTEMPORANEIDADE:
UMA LEITURA FREUDIANA

LETRAPITAL

*Ao meu pai, Nelson Fernandes de Brito (in memoriam).
A minha mãe, Edneia da Costa Brito
e a meu irmão, Edelson da Costa Brito.
A Síría Rodrigues Freitas e Victoria Freitas da Costa Brito.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à Fernanda Canavêz (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ e Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ) que acompanhou e orientou de forma ímpar e primorosa todo o processo de elaboração da dissertação de mestrado a partir da qual pôde surgir o presente livro. Sua decisiva contribuição foi ainda requintada com a escrita da apresentação.

A Gilberto César de Noronha (Universidade Federal de Uberlândia - UFU) e a Regina Herzog (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUCRJ), que dispensaram preciosa solicitude e recomendações inspiradoras.

A Pedro Moacyr Chagas Brandão Junior, por sua encorajadora presença e por seu sempre generoso incentivo.

A Rosângela de Freitas, por sua marcante e valiosa atuação em meu percurso na psicanálise.

A Livia Machado da Silva, pelas inquietações, ideias e sorrisos compartilhados.

Também a Aline da Silva Dias Maia, Amanda Ayres, Anna Maria San Tiago, Cecília Rocha, Elen Franklim, Fernanda Calabar, George Pinto, Geruza Valadares Souza, Luis Paulo Lopes Brabo, Maria Rita Sales Régis, Nayara Gomes, Raphael Ávila, Thaissa Kratochwill e Victor Freitas. Lembrome dos bons momentos de encontro, diálogo e aprendizado que vivenciamos.

Aos professores: Denis Giovanni Monteiro Naiff, Lilian Maria Borges Gonzalez, Luciene Alves Miguez Naiff, Marcos Aguiar de Souza, Nilton Sousa da Silva, Ronald Clay dos Santos Ericeira, Rosa Cristina Monteiro, Rosane Braga de Melo, Valéria Marques de Oliveira e Wanderson Fernandes de Souza, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGPSI-UFRRJ). A Ricardo José Bottechia, pesquisador da UFRRJ. Também a Francisco Ramos de Farias, Ricardo Salztrager e Sofia Débora Levy, do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGMS-U-NIRIO). A todos sou grato pela acolhida e apoio.

E aos professores: Acyr Maya, Adriano Arnóbio, Diogo Cesar Nunes da Silva, Edimilson Duarte de Lima, Fábio Montalvão Soares, Fátima Antunes, Flávio Roberto Santos, Jardinete Tavares, Mônica Carvalho, Róbson de Paula, Sérgio da Costa Oliveira, Silvana Bagno e Suelen Carlos de Oliveira. Destaco e agradeço os relevantes conhecimentos que transmitiram.

Aos queridos: Ana Beatriz Moreira Bastos, Ana Paula Santos da Costa, Dalvina Batalha da Costa, Daniele da Costa Neves, Déa Damazo Gutiérrez, Diamara da Costa Lira, Edson Trindade Pereira Junior, Jorge Antônio Tavares Peixoto, José Abdenes Silva, Lucio Mário Guimarães, Luiz Pontes, Marcia Cazer Fernandes, Maria Celeste Conceição, Patrícia Campos Cerqueira, Renato Ferreira Cordeiro, Roberta Fernandes Motta, Robson da Costa Barbosa e Thomas Schneider. E, também, Adriano Lourenço, Alexandre Junger Tebaldi, Amanda Cardoso da Silva Rangel, Anderson Máximo, Igor Canzi, Josefa de Barros Reis, Julio Cesar Gomes Viana, Marcelo da Fonte Reis, Renata Ambrósio, Rodrigo Mendes, Stefani Batista, Tayna Dias, Theodomiro Amaro da Silva Junior, Vanda Vasconcelos, Vera Lúcia Miranda e Vera Lúcia Pereira Lima. Todos, de diferentes maneiras e por vezes sem que o soubessem, colaboraram para que este trabalho pudesse se concretizar.

O importante apoio dado por Ana Cristina Alves Martins, Ana Lúcia Rodrigues de Almeida Dib, Áureo Fernando Baccaro, Carlos Eduardo da Cruz Seares, Elídia Maria de Souza Cezario, Gleide Banus Barboza Bruno, Maria Andrea Azevedo de Oliveira. E, ainda, a Cristina Célia, Dalva Lúcia Assis de Souza, Edson Luiz Pinto Gomes, Eli Gomes Novaes, Efigênia dos Santos Ferreira, Fábio Moreira, Jane Paes Leme, Miyuki Yamamura Magalhães e Rosângela Santos.

Pensar incomoda como andar à chuva
Quando o vento cresce e parece que chove mais.
Fernando Pessoa

Apresentação

MEMÓRIAS MIUDINHAS

Fernanda Canavêz¹

“Os homens que me civilizaram chegaram às praias do meu país nos porões infectos dos tumbeiros e foram vendidos e marcados feito gado no mercado” (Simas, 2013, p. 17). É assim que o historiador Luiz Antonio Simas fala sobre a história do nosso país a contrapelo de versões tornadas hegemônicas, responsáveis por exaltar um Brasil desejoso de espelhar a Europa branca e colonialista que marcou a ferro e fogo também nossa subjetividade. Na contramão da exaltação de heróis colonizadores, Simas se interessa por *pedrinhas miudinhas*, personagens ausentes dos registros tornados oficiais: é o país que não está no retrato, atrás do herói emoldurado, como espalham aos ventos os versos da Mangueira campeã do carnaval de 2019.

A possibilidade de lançar luz sobre as *pedrinhas miudinhas*, grandes alicerces da história do Brasil, escancara o predicado irrevogavelmente múltiplo da memória. A rigor, seria preciso falar sobre memórias, sempre no plural, marcado que o tema é por narrativas absolutamente plurais, a depender do sujeito da enunciação. As ‘inquietações acerca da memória’ que animam *A memória na contemporaneidade: uma leitura freudiana* também se desenrolam a guisa do caráter situado e sempre múltiplo da memória. Isso porque toma como fio condutor a memória como objeto de disputa e parte em busca das tintas mais esmaecidas não apenas no quadro das formulações teóricas sobre a memória, como também naquelas sobre a modernidade e a passagem para a chamada contemporaneidade.

Não por acaso, o livro começa com uma discussão sobre o contemporâneo, escapando de pesquisas mais usuais que seguem a cronologia de recortes temporais, como se fosse preciso revisitar as bases da retórica

¹ Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Professora do Instituto de Psicologia da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFR-RJ); Coordenadora do Marginalia - Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo (UFRJ).

moderna para então, só depois, chegar à compreensão dos modos de subjetivação contemporâneos. É que Wallace se dedica à investigação da modernidade sem abrir mão de sua inquietação primordial, qual seja, o estudo da(s) memória(s) na contemporaneidade. Por essa razão, o italiano Giorgio Agamben (2009) desponta como referência da maior importância, uma vez que apresenta o contemporâneo como certa atitude em relação ao próprio tempo. Contemporânea é a postura de olhar para seu próprio tempo sem a ele aderir totalmente, mantendo, assim, a possibilidade de enxergar suas obscuridades. A atitude do contemporâneo, nos termos do autor, é perceber “o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que toda luz dirige-se direta e singularmente a ele” (Agamben, 2019, p. 64).

Além de assumir a contemporaneidade como recorte historiográfico que se situa a partir de determinado marco cronológico², Wallace não abre mão do esforço da atitude contemporânea de buscar as *pedrinhas miudinhas* nas teorias que aprendemos, em nossa formação marcadamente eurocêntrica, a reproduzir sem grandes questionamentos. É que a modernidade como projeto de mundo europeu que remonta àquele de expansão colonialista – a modernidade capitalista colonial moderna (Lugones, 2014) – parece se fazer presente, ainda hoje, em grande parte das narrativas acadêmicas, motivo pelo qual venho me dedicando a assumir não só o contemporâneo como atitude, mas também o moderno. Em que medida nosso arcabouço clínico-conceitual estaria empreendendo hoje uma verdadeira *passagem da modernidade*³ para se debruçar sobre fenômenos ditos contemporâneos? Quando nos ocupamos de

² A delimitação de recortes cronológicos para a caracterização tanto da contemporaneidade como da própria modernidade constitui um dos assuntos mais controversos em nosso campo, desvelando a cartografia das disputas em torno do debate (Birman, 2006). Tomarei a contemporaneidade, em sua acepção historiográfica tradicional, como o período inaugurado com as transformações que remetem à Guerra Fria. No entanto, gostaria ainda de tomar o contemporâneo, tal qual Agamben (2009), como atitude em relação ao próprio tempo. Venho trabalhando com a conjugação de ambas as perspectivas por entender que não apenas não se excluem mutuamente, como também parecem férteis para uma abordagem da modernidade que busque escapar de uma atitude colonialista.

³ Utilizo-me da provocação de Alan Prout (2010) endereçada à Sociologia da Infância, sob a alegação de que os estudos do campo em questão estariam fortemente atrelados a categorias modernas incapazes de compreender a infância na modernidade tardia. Seria preciso empreender a “passagem da modernidade” (p. 749) para superar as dicotomias da teoria social moderna e construir referenciais teóricos efetivamente afinados à infância no contemporâneo.

modos de subjetivação contemporâneos aceitamos a convocação pelo escuro de nosso tempo ou insistimos em nos cegar pela caixa de ferramentas teóricas e clínicas que nos foi apresentada desde a fundação da psicanálise, ainda no recorte historiográfico da modernidade?

A empreitada da *passagem da modernidade*, vale dizer, não se refere à negação do solo historiográfico moderno que nos antecedeu, tampouco à expectativa de invenção da roda a partir de uma pretensa folha em branco da contemporaneidade. Ao contrário, tal passagem busca extrair as devidas consequências do caráter situado da escrita dessa(s) história(s), escancarando que nossos modos de subjetivação, aqui no Sul global, não figuram no retrato do herói emoldurado europeu. Ou ainda, melhor dizendo, despontamos como um projeto de modernidade mal desenvolvido, canhestro, no avesso da civilização (europeia), selvageria a ser lapidada pela faca amolada de determinado modo de subjetivação que foi alçado à pretensão do universal do qual escapam nossas *pedrinhas miudinhas*.

É na expectativa de tornar visível a operação que busca apagar o caráter situado da construção de teorias sobre a memória que se inscreve o livro que você tem em mãos. Memórias no plural face à violência da imposição de uma história única, de certo modelo de subjetivação que se apresenta como universal e anistórico⁴. Nesse quesito, as formulações freudianas acerca da memória constituem importantes aliadas, já que marcadas pela denúncia da impossibilidade da versão única.

Com efeito, este trabalho retoma um Freud contemporâneo, por assim dizer, especialmente atento às obscuridades de seu tempo e, em larga medida, um Freud crítico da modernidade que lhe servira de berço. Como discuti em outra ocasião (Canavêz, 2012), o pai da psicanálise é um legítimo pensador da memória, engrossando o caldo da tradição crítica do esquecimento, propósito com o qual contribuiu de modo especialmente original. Ao desafio de transmissão dos horrores da guerra que abalou os alicerces do projeto da modernidade Freud responde com a postulação de uma peculiar maneira de operar da memória, também aquela dita traumática.

Extrapolando as bordas da consciência e da razão, o pensamento freudiano indica a incidência de uma memória que não se quer lembrar

⁴ Para o debate sobre a falácia da universalização de um determinado modo de subjetivação, como se fosse modelo de toda e qualquer forma de existência, sugiro o célebre trabalho de Frantz Fanon (2008) e, mais recentemente, aquele de Grada Kilomba (2019).

e, também por esse motivo, não se pode esquecer. É desta injunção aparentemente contraditória que podemos depreender uma teoria da memória de seus escritos. Memória relegada aos recônditos do inconsciente, presente desde suas primeiras elaborações, mas também memória que extrapola a trama de traços representados psiquicamente, consequência imediata da postulação da pulsão de morte. Memória em seu caráter radicalmente múltiplo, em temporalidades e registros psíquicos absolutamente plurais.

Sendo assim, *uma leitura freudiana* acerca da memória pode funcionar, ainda hoje, como antídoto contra a faca amolada que almeja impor (o perigo de) uma história única a expensas da multiplicidade da memória e, em última instância, dos modos de subjetivação. Desconheço atitude que seja ainda mais contemporânea – e necessária – no Brasil atual.

Referências

Agamben, G. 'O que é o contemporâneo?'. In: _____. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

Birman, J. 'A psicanálise e a crítica da modernidade'. In: _____. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

Canavêz, F. *Violência, trauma e resistência: sobre o múltiplo na psicanálise*. Tese de Doutorado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

Fanon, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

Kilomba, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Lugones, M. 'Rumo a um feminismo descolonial'. In: *Estudos Feministas*, 22 (3), 2014.

Prout, A. *Reconsiderando a nova sociologia da infância*. *Cadernos de Pesquisa*, 40 (141), 729-750, set/dez. 2010. Retirado 25 de janeiro de 2020, a partir de <http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n141/v40n141a04.pdf>.

Simas, L. A. *pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2013.

Sumário

Introdução: Inquietações acerca da memória	17
Capítulo I: Considerações sobre a memória na cultura contemporânea	35
1.1. Sobre o contemporâneo	38
1.2. Em memória do século XX.....	44
1.3. Modos de subjetivação contemporâneos	61
1.4. Sobre a tecnologia digital.....	74
1.5. Esboço sobre a memória na contemporaneidade	82
Capítulo II: Uma leitura freudiana sobre a memória	84
2.1. Freud, psicanálise e memória	85
2.2. A memória no <i>Projeto para uma psicologia científica</i>	97
2.3. <i>Carta 52</i> : um passo a mais nas asserções sobre a memória.....	113
2.4. O fenômeno do <i>esquecimento</i> e sua trama psíquica	126
2.5. As lembranças encobridoras.....	133
2.6. Apreciações transitivas sobre a memória em Freud	142
Considerações finais: Articulações entre memória e trauma	145
3.1. Articulações entre memória, trauma e o regime de excesso da contemporaneidade	147
3.2. Uma perspectiva sobre a contemporaneidade a partir das conexões entre memória, percepção e pensamento	153
3.3. Aproximações entre trauma, choque e dor como via de interpretação dos modos de subjetivação contemporâneos	157
3.4. Recurso de intervenção e emblema da contemporaneidade de Freud: duas proposições sobre a clínica psicanalítica.....	166
Referências	170

Introdução

INQUIETAÇÕES ACERCA DA MEMÓRIA

Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos, sem responsabilidade, talvez não mereçamos existir.

José Saramago

A memória é tema que atualmente desperta interesse e recebe atenção nos mais diversos ramos de pesquisa e frentes de atuação. Assmann (2006/2011), por exemplo, atesta que a memória se encontra presente em diversas áreas do saber, transcendendo, por isso mesmo, qualquer das suas formas de abordagem. Disso resulta que, como objeto de estudo, a memória carrega a marca da multiplicidade, mostrando-se multifacetada. Podemos então encontrar uma profusão de interpretações e compreensões acerca do assunto em vários saberes (antropologia, arte, filosofia, história, literatura, psicanálise, psicologia, sociologia, dentre outros). O que se amplia mais ainda quando percebemos que há inúmeros estudiosos dedicados à sua investigação no interior de cada um desses campos.

O objetivo primordial do presente estudo consiste em investigar a memória em Freud, buscando extrair leituras freudianas para pensar sobre a memória na contemporaneidade. Entendemos que o pensamento freudiano se configura como uma forma ímpar de reflexão acerca da subjetividade moderna, balançando as premissas presentes na sociedade de então. A psicanálise se constitui em ruptura com os saberes encontrados em seu contexto, construindo um lugar próprio. Segundo Garcia-Roza (2008), em termos epistemológicos, ela não se mostra contínua com qualquer saber de então, mas em termos arqueológicos é possível afirmar sua ligação com saberes sobre o homem formados desde o século XIX. O conceito de inconsciente e toda a formulação teórica decorrente dessa nova abordagem marcam a originalidade deste pensamento. O sujeito, nessa teoria, é eminentemente clivado, isto é, não está concebido como uma totalidade unitária em que a consciência e a razão ocupam o lugar primordial. Ao contrário, dois sistemas dividem

o sujeito – o Inconsciente e o Pré-consciente/Consciente, havendo entre eles um embate em que a razão se exhibe como o que há na superfície.

Nesse sentido, Garcia-Roza (2008) destaca que a virada promovida pela teoria inaugurada por Freud é significativa em relação aos saberes modernos. Na filosofia, por exemplo, apresentavam-se concepções generalistas que terminavam ignorando o sujeito. De tal maneira que mesmo quando apontava para o eu não remetia a uma existência concreta. Na teoria e prática psicanalíticas, diversamente, a pretensão colocada é abordar o sujeito enquanto ser singular, escutando o que este enuncia em sua própria narrativa, perguntando pelo sujeito do desejo não visado pelos discursos filosóficos modernos. Não se trata, porém, de pensar que o inconsciente remeteria ao caos e o consciente à ordem, pois o que se concebe são duas ordens claramente diferentes em que toma relevo a lógica do desejo, isto é, aquela que motiva o inconsciente.

Segundo Birman (2006), a teoria psicanalítica, por Freud, empreende uma crítica à modernidade e seus pressupostos pelo mal-estar subjetivo gerado. Em que consiste este mal-estar? Enfatizamos de forma sumária na leitura que o autor empreende da teoria freudiana, que a modernidade engendra a *morte de Deus* e a humilhação da figura paterna, acarretando o desamparo às subjetividades. O mal-estar presente na civilização decorreria do sentimento de desamparo, ocasionando a irrupção das doenças nervosas modernas tão enfatizadas por Freud. E o masoquismo é o que há subjacente na modernidade, uma vez que, para evitar o desamparo, os sujeitos se colocariam de modo servil aos outros, esperando com isso receber proteção e segurança. Com a modernidade e o centramento do eu e da consciência, a subjetividade oscila entre o desamparo e a onipotência (autossuficiência). O eu como fundamento do mundo constrói uma moral do egoísmo. Neste contexto, a psicanálise se posiciona como uma tentativa de resposta a esse mal-estar, configurando-se como uma crítica sistemática do ideal moderno de civilização e suas impostas presunções. Por isso, Freud se coloca a investigar as questões concernentes ao sujeito¹

¹ *Individuo* é um termo do século XVI, identificado por Cunha (2010) como proveniente do latim *individuum*, que mantém relação com a expressão dividir, assinalando justamente o oposto desta, uma vez que se refere a algo que não é passível de divisão. De acordo com Japiassu e Marcondes (2000), o vocábulo significa corpo indivisível, remetendo a tudo que se afigura como uma unidade que, no caso de qualquer divisão, teria sua condição básica deturpada. *Sujeito*, enquanto isso, como especifica Cunha (2010), tem base no latim *subjectus*, também do século XVI, sinalando aquele que sofre sujeição. Japiassu e Marcondes (2000) descrevem esta palavra como alvo de inúmeras conceituações na filosofia, já na metafísica clássica com Aristóteles. Na

e à cultura moderna, construindo um sistema de pensamento original frente aos discursos teóricos de sua época, não só os do campo filosófico, mas em especial aqueles científicos provenientes, sobretudo, das teorias médicas e psicológicas de então.

No interior das questões concernentes ao sujeito pesquisadas por Freud o tema da memória se mostra necessário. Em sua formulação teórica *pari passu* com seu trabalho clínico, os problemas e as relações entre o lembrar e o esquecer, o ontem e o hoje, o vivido e o fantasiado, entre quem se foi e se é tornaram-se relevantes para a compreensão do sujeito e da cultura dentro da qual este se constitui. Em razão disso, para pensar sobre a memória na contemporaneidade, postulamos que as formulações freudianas podem fornecer relevantes pistas e contribuições.

Como escreve Sibilia (2016a), na contemporaneidade, as compreensões sobre o passado, a oscilação entre as técnicas para lembrar ou a incômoda apreensão do espectro do esquecimento repercutem nos modos de constituição dos sujeitos. Assim, tem sido frequente nos depararmos com fenômenos que nos remetem à questão da memória. E estes precisam ser examinados com o devido cuidado – como é nossa pretensão. Notamos que têm sido comuns modos de ser que demonstram intensa imersão no presente em detrimento do passado ou, diferentemente, como uma resposta a tal fato, tentativas de valorizar o passado que se dão exatamente porque haveria uma suposta ameaça de perda total e irrecuperável do que passou.

Para mencionar apenas alguns exemplos, em relação ao primeiro modo acima mencionado, muitos sujeitos expressam que têm observado em si mesmos uma incidência do esquecimento no que se refere aos afazeres cotidianos, atribuindo tal ocorrência à intensa agitação com que se defrontam na vida contemporânea. Assim, falam da necessidade de lidar com inúmeros compromissos e da “exigência” de absorver e dar conta da grande quantidade de informações que não cessam de

modernidade, desde Descartes, ganha cada vez mais destaque, recebendo considerações específicas nos mais diversos filósofos modernos. Na psicanálise, não indivíduo, mas sujeito é o termo de uso priorizado, adquirindo uma conceituação peculiar com a qual trabalhamos neste texto, isto é, não como uma unidade indivisa, mas clivada, uma vez que está marcado pela divisão em dois grandes sistemas (Inconsciente e Pré-consciente/Consciente). Neste caso, seu sentido é direcionado fundamentalmente ao Inconsciente. Por isso, é oportuno esclarecer que o termo indivíduo é mencionado sempre em referência à sua evocação tanto no âmbito como no sentido próprio do pensamento dos diversos autores com os quais dialogamos.

chegar a cada novo dia. Neste sentido, muitos sujeitos dizem vivenciar uma sensação de passagem vertiginosa do tempo pela qual sobressai o que se vive agora, desconsiderando-se o que passou ou colocando-o em plano secundário. O que também pode ser observado em algumas matérias jornalísticas encontradas na *internet*, dentre as quais, a título de exemplo, destacamos duas: *Tempo: cada vez mais acelerado* (Gwercman, 2005) e *A angústia do (nosso) tempo* (Duarte, 2014). Em se tratando do ambiente acadêmico podem ser verificadas recentes pesquisas relativas ao assunto nas mais diversas áreas do saber, que ilustramos nos vídeos² *Tempo, trabalho e subjetividade* (Giannini, 2011) e *Tempo e aceleração social na hipermodernidade* (Giannini, 2012).

Quanto ao segundo modo supramencionado, sujeitos, grupos e instituições, ao perceberem na sociedade contemporânea a força sedutora do agora em detrimento do passado, tomam iniciativas que remetem ao que passou como tentativa de chamar a atenção para sua importância e imperiosa valorização (Assmann, 2006/2011). Podemos encontrar tal forma de pensar e agir na arte, na literatura, na arquitetura, em pesquisas acadêmicas etc. O número crescente de publicações biográficas e o interesse que elas despertam se situam nesse contexto³. Igualmente, os museus e galerias culturais são espaços especialmente dedicados, entre outras coisas, à valorização do passado, resgatando-o e tentando resguardá-lo.

Também assistimos à descrição do funcionamento da memória atribuída a uma parte do corpo amplamente mencionada (o cérebro), de modo que é até mesmo possível falar na abordagem de um sujeito cerebral, conforme Ehrenberg (2009). Este autor nos aponta que a neurobiologia vem tornando banal a assimilação de que o cérebro conservaria em si a chave para o entendimento do sujeito. Ehrenberg (2009) sublinha que as neurociências vêm se mostrando em diversas publicações científicas como o suposto futuro da psiquiatria. Visam tais pesquisas à

² Trabalhos produzidos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

³ Ao consultar o Portal de periódicos CAPES/MEC, em novembro de 2016, constatamos o registro de mil e setenta e cinco artigos científicos, nos idiomas português, espanhol, francês e inglês, de diversas áreas do saber, cujo tema biografia figurava no título ou subtítulo das publicações. Confira: <http://www.periodicos.capes.gov.br>. No mesmo período, ao consultar o Google Acadêmico, verificamos que os registros disponíveis que contêm a palavra biografia, seja no título, subtítulo ou no corpo do texto sinalizaram quatro mil cento e noventa trabalhos publicados. Para maiores detalhes, veja: <https://scholar.google.com.br>.

compreensão dos mecanismos das células e moléculas com a pretensão de ser alcançada uma intervenção sobre o cérebro que seja capaz de alterar os estados da mente.

Podemos, ainda, observar a menção ao cérebro em inúmeras matérias jornalísticas que o abordam em relação aos mais diversos temas, dentre eles, a memória. A título de exemplo, o Programa Fantástico da Rede Globo exibiu uma matéria intitulada “Veja as dicas para preservar a memória e turbinar o cérebro”⁴. Nesta, o repórter afirma a necessidade de se voltar a uma *memória que trazemos de fábrica que pode, em suas próprias palavras, ser encontrada no cérebro e que não pode falhar*. No vídeo há uma entrevista com o neurocientista argentino radicado no Brasil, Ivan Isquierdo, que *oferece três dicas para começar no lucro*, quais sejam, 1- *Não consumir bebida alcoólica ou consumi-la somente em doses reduzidas*; 2- *Dormir bem, descansar*; 3- *Ler, ler muito*. No entanto, não há detalhes nem considerações mais elaboradas sobre essas recomendações, haja vista o caráter célere e curto da exibição. E a matéria, na sequência, ainda expõe o que chama de *técnicas para transformar seu cérebro em um supercérebro*. Além da perspectiva estritamente biologicista com que a memória é abordada na reportagem, também nos chama a atenção o uso de palavras convergentes com o domínio exercido pelo capitalismo, sistema que encontra na linguagem um poderoso canal de expansão. Por exemplo, *turbinar o cérebro*; *memória que trazemos de fábrica*; *não pode falhar*; *lucro*. Não faltam reportagens televisivas nem matérias em revistas impressas que tratam o tema a partir de semelhante perspectiva.

Nessa concepção, uma memória supostamente eficiente ou precária dever-se-ia à configuração orgânica que resultaria tanto na capacidade como no modo de funcionamento cerebral. E aqui podemos notar tratar-se de uma concepção que encontra difusão nos mais diversos ambientes, devendo-se sua popularização, em grande parte, ao cientificismo, isto é, à ideia de que a ciência é ou ainda será capaz de responder todas as questões e problemas humanos, mostrando-se como um campo de saber superior a qualquer outro. Em grande parte, tal forma de pensar se vincula às ciências da natureza, havendo a prevalência da biologia e a consequente difusão da explicação dos mais diversos fenômenos como restritos a essa disciplina. Numerosos estudos apontam esta questão,

⁴ Matéria exibida no Programa Fantástico da Rede Globo, no dia 19 de fevereiro de 2012. Para assistir acesse: <http://g1.globo.com/fantastico/videos/t/edicoes/v/veja-dicas-para-preservar-a-memoria-e-turbinar-o-cerebro/1820324/>.

dentre os quais, mencionamos Faria e Matos (2015) e Mollo (2015). Tal compreensão se soma à influência de discursos de alguns vieses psicológicos que invadem o cotidiano. Rose (2008), por exemplo, refere-se a esses dizeres como manifestações envolvidas em uma espécie de disputa, na qual o saber/discurso biológico parece estar, nas últimas décadas, suplantando a importância que o saber/discurso psicológico alcançou em âmbito social ao longo do século XX. Nesta direção, notamos que expressivo número de sujeitos têm falado sobre a memória ou sobre o funcionamento psíquico em geral com expressões do tipo: “Meu cérebro falhou..., mudou..., lembrou..., esqueceu..., apagou..., acordou..., está dormindo..., está cheio..., me enganou...”, entre outras.

Presenciamos, inclusive, que à memória muitos se referem como uma capacidade cognitiva de registro e acúmulo de conhecimentos em vista dos estudos para disputar um lugar nos postos considerados os melhores no mundo do trabalho. Assim entendida, almeja-se expandir o arsenal de registros cognitivos para obter melhor desempenho frente aos eventuais concorrentes. Neste caso, pode até ser bem-aceita a ingestão de substâncias que prometem elevar tal capacidade, bem como a promoção de cursos que oferecem treinamento para o suposto controle e fortalecimento da memória.

Curiosamente, existe até mesmo um Campeonato Mundial de Memória (*World Memory Championships*)⁵. A competição é chamada pelos organizadores, participantes e entusiastas de *esporte mental* cuja finalidade é colocar em disputa concorrentes que devem demonstrar até que ponto são capazes de reter o maior número de informações em certo limite de tempo. Essa competição ocorre regularmente todos os anos desde 1991. No Brasil, não faltam cursos que prometem o alcance de um nível elevado de funcionamento da memória. Vários deles são ofertados na *internet*. Um dos que exhibe forte divulgação é o de Renato Alves⁶, que se apresenta como o primeiro homem a receber o título oficial de *melhor memória do país* pelo Rank Brasil. Para tanto, ele afirma ter inventado e aplicado um método que passou a ser conhecido pelo seu nome próprio. O palestrante assegura ter transformado *em pouco tempo sua memória deficitária em uma hipermemória*. Alves tornou seu método um negócio em que vende cursos à distância, palestras presenciais e livros que ensinam

⁵ Sugerimos ao leitor a consulta ao site oficial em: <http://www.worldmemorychampionships.com/>.

⁶ O leitor pode consultá-lo em: <http://renatoalves.com.br/blog/>.

técnicas de memorização. Em suas publicações aparecem temas como o controle deliberado da memória; o alcance da excelência em memorização; a blindagem da memória; a promessa de solução completa para a memória; o cérebro com foco e disciplina, dentre outros. Com essas proposições, a memória é diretamente atribuída à capacidade cerebral e considerada o *segredo dos gênios*.

Podemos notar, assim, que sua compreensão e atuação se situam, tal como na reportagem exemplificada, no interior de duas lógicas que eclodem na sociedade moderna e que continuam ativas, – ainda que apresentem novas configurações e ordenamentos –, exercendo grande influência na cultura. São elas: a lógica do Capital, primeiramente exposta e esmiuçada por Marx (1844/2004), ainda no século XIX, no período de consolidação e avanço da Revolução Industrial. Desde então, segundo o autor, os produtos em posse dos capitalistas passaram a ser exibidos em embalagens e catálogos, lojas e vitrines. Objetos apresentados com origem em marcas e divulgados por meio de *slogans*. Houve como consequências, desde então, a exclusão de quem os produziu, o trabalhador, e a hostilidade em face daqueles que não possuem condições de compra. A outra lógica é a do Biopoder, que fora postulada por Foucault (1976/1999) e tem por significado uma forma de arbítrio sobre a vida direcionado eminentemente ao corpo como sede dos processos biológicos e à sua submissão ao ordenamento estatal através de estratégias políticas com a meta de alcançar certo desempenho corporal. O Estado passou a exercer seu poder por meio de uma visão que reduz o corpo à sua anatomia e biologia, bem como à sua condição individual e específica.

Ao observar tais fenômenos entendemos como pertinente a indagação sobre a constituição e funcionamento da memória, bem como sobre seu lugar na sociedade contemporânea. Esta é uma inquietação nossa que surge, inicialmente, com a leitura de um ensaio de Walter Benjamin escrito ainda na primeira metade do século XX: *Experiência e pobreza* (1933/2013). Embora este texto não seja precisamente dedicado ao tema da memória, mas ao da experiência, sua leitura nos suscitou pensar sobre o primeiro, bem como acerca do enredo que o envolve. É conhecido o fato de o pensador alemão criticar os rumos tomados pela civilização ocidental, sobretudo a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), evento por ele apontado como uma das mais monstruosas realizações humanas em toda a história. Os combatentes que regressaram dos campos de batalha

chamaram-lhe a atenção por não conseguirem expressar em palavras o que haviam vivenciado. Mostravam-se mudos e, assim, precários em experiências que pudessem ser divididas. Como observador atento dos acontecimentos e dos sujeitos em tal contexto, Benjamin (1933/2013) identifica certo empobrecimento da experiência. Sua análise nos conduz a pensar sobre o que restaria da ligação entre experiência, memória e narrativa, isto é, da vinculação entre a vivência de determinado evento com sua provável apreensão e assimilação, bem como sobre sua expressão pela fala – o contar histórias, partilhando-as ao longo do tempo.

Pereira (2009) afirma que o filósofo alemão fala de uma perda da autoridade da velhice no contexto de mudanças por ele observadas no século XX. Em meio a agitos em que a tradição estaria em franco declínio e a memória, enquanto algo fundamental a ser transmitido em palavras de uma geração à outra, não encontraria a durabilidade capaz de lhe assegurar. Sobre esta questão enunciada por Benjamin, Canavêz (2012) distingue como algo característico desse pensador sua insistência em demonstrar que o modo de narrar corrente durante séculos resta despedaçado com a modernidade, uma vez que o compartilhar experiências sofre forte abalo e declínio. A posição de Benjamin diante de tal constatação procura valorizar a narrativa não com apelo nostálgico diante do que passou, mas que seja capaz de enxergar as fissuras contidas nos traumas presentes no curso da modernidade. Podemos encontrar neste comentário sobre o texto benjaminiano a interdependência entre experiência, memória e narrativa, tratando-se de uma complexa trama.

Por conseguinte, passamos então a vislumbrar a memória como objeto passível de articulação com outros tantos elementos. De nossa parte, a compreendemos como uma questão pertinente e necessária no interior do debate sobre a cultura contemporânea. A razão para tal é que atualmente estão em jogo formas de subjetivação nas quais a memória se compõe como um elemento que, assim como outros, não se mantém incólume face às recentes transformações sociais nem deixa de ocupar um lugar. Mas a que estamos nos reportando quando mencionamos o termo cultura contemporânea?

Como nos aponta Birman (2006), trata-se de uma discussão que vem se apresentando até o momento como controversa. Há autores que enxergam na atualidade cultural um tempo significativamente distinto daquele anterior (a modernidade), ao passo que outros descortinam diferenças internas no curso da própria modernidade que, segundo

essa última perspectiva, ainda estaria em vigor. Por haver tal controvérsia podemos falar, grosso modo, em duas correntes predominantes em relação ao assunto, o que não significa a inexistência de outras interpretações que escapam aos dois campos predominantes nem tampouco quer dizer que não haja explicações notadamente peculiares em cada um dos expoentes de uma visão e de outra.

Na perspectiva clássica, notadamente afeita à história enquanto saber acadêmico, o entendimento da fronteira entre épocas baseia-se na constatação de que mudanças amplas e profundas ocorrem entre um período qualquer e o seguinte. Uma divisão até hoje utilizada no âmbito da história localiza o início da modernidade em 1453. O fato que serve de referência para a fixação desta data, segundo Carr (1961/1982), é a tomada de Constantinopla pelos turcos. A este evento seguiram-se nesse século e no posterior as Grandes Navegações e a Reforma Protestante. Tal período ter-se-ia estendido até a Revolução Francesa ocorrida em 1789, data que, por este ponto de vista, teria marcado o início da chamada era contemporânea.

Como escrevem Japiassu e Marcondes (2006, p. 190): “A questão da modernidade caracteriza uma controvérsia contemporânea, envolvendo questões filosóficas de interpretação da sociedade, da arte e da cultura”. Os autores exemplificam a polêmica que envolve o assunto através da posição de dois filósofos, o francês Lyotard e o alemão Habermas. O primeiro se refere à história recente e atual como uma superação da modernidade, o que designa pelo termo condição pós-moderna. O segundo, por sua vez, defende que a modernidade permanece e deve ser continuada em seus projetos de valorização da razão crítica e emancipação do homem.

Para Lipovetsky e Charles (2004), mais do que a permanência da modernidade vem ocorrendo sua acentuação, fenômeno que descrevem a partir do conceito hipermodernidade, do qual destacamos três características: 1- *A não institucionalização*, que se manifesta pelo crescente desaparecimento dos referenciais externos (instituições), onde muitos sujeitos manifestam o desejo de viver de forma intensa e livre dos limites e normas institucionais. 2- *A não recorrência à tradição*, prática em que a recordação não é valorizada em si mesma, mas por seu valor de passa tempo e distração. Desse modo, volta-se para o antigo – em tom nostálgico – explorando-se os sentimentos e as lembranças com fins mercadológicos, reenquadrando o passado com um tom modernizante e por razões justificadas economicamente. 3- *A particularização na relação com*

o tempo, que se dá no interior da dinâmica hiperindividualizante e leva ao afastamento dos demais e ao desejo de viver apenas em benefício próprio, encarando-se como necessário ligar-se, prioritariamente, ao presente, desfrutando-o. O futuro, por sua vez, também é alvo de preocupação e investido de certa tensão, tendo como subjacente um medo quanto ao que virá.

Com Bauman, sociólogo polonês que dedica grande parte dos seus estudos ao tema dos paradigmas culturais presentes no Ocidente, o termo pós-modernidade foi abordado (Bauman, 1997/1998), operando com uma distinção em relação à modernidade. Porém, em grande parte de suas obras, com destaque para aquelas mais recentes (Bauman, 2007/2007), parece prevalecer a ideia de continuação da modernidade que agora apresentaria diversos elementos novos. Assim, o autor aborda uma passagem na modernidade de uma fase anterior reconhecida como *sólida* para a atual, diferenciada como *líquida*. Segundo ele, a primeira esteve ativa desde os séculos XVI-XVII até o século passado, quando aponta o surgimento da segunda fase nos anos 1970, que passa a exibir novas configurações, tornando-se uma era de incertezas por ele nomeada como *tempos líquidos* (Bauman, 2007/2007).

Birman (2006), como dissemos, aponta a existência de amplo debate sobre o tema, mencionando diferentes leituras e abordagens. Segundo ele, estudiosos como Lyotard e Vattimo defendem que a modernidade se exauriu e, por isso, estaríamos vivendo sob uma era pós-moderna. Outros, porém, como Giddens, Beck e Balandier apontam para a continuação da modernidade, enfatizando, inclusive, a acentuação dos seus pressupostos. Não obstante as diferenças, Birman (2006) nos fornece um valioso dado para a compreensão desse debate. As descrições e análises dos diversos estudiosos do tema não apresentam grandes diferenças, isto é, dispõem de elementos em comum e parecem ser muito mais próximas do que distantes. Ainda assim, o autor sublinha que é importante prestar atenção em quem fala e com que intenção quando tratamos do tema.

Há quem entenda a cultura contemporânea nos termos de época histórica distinta àquela designada como moderna, localizando sua emergência no século XX. Para Batista (2007), por exemplo, os traços dessa época começam a ser definidos a partir da Primeira Guerra Mundial. Birman (2012), por sua vez, afirma que entre as décadas de 1920 e 1930 ocorre o que chama de fase terminal da modernidade em que novos circuitos culturais se encontravam já em ebulição, mas não ainda claramente constitu-

ídos, o que teria ocorrido nas décadas seguintes. Para Canavêz (2015a), são mais precisamente os anos subsequentes à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que assistem ao surgimento de uma era contemporânea, tomando como referência dois fatos marcantes do século XX: a Guerra Fria, que desencadeia novo ordenamento geopolítico, e a evolução tecnológica, que resulta na *internet*.

O tema, contudo, é marcadamente complexo e não encontra consenso entre os estudiosos que sobre ele se debruçam. Por isso, cumpre esclarecer que recorremos aos termos cultura contemporânea ou contemporaneidade para tratar da cultura atual sem estabelecer qualquer forma de posicionamento rígido nem definitivo (nos termos de uma época no sentido estritamente histórico). Não obstante, notamos que o século XX trouxe significativas alterações na cultura que continuam efervescentes no curso do século atual. Assim sendo, importa esclarecer que nos posicionamos em relação à leitura do nosso tempo do seguinte modo: a princípio, mostra-se plausível nos referirmos à atualidade⁷ nos termos de uma cultura contemporânea, mesmo sem aderir ao discurso que, de um modo ou de outro, opera com rígidas marcações de épocas e das passagens entre estas. Isso porque é notório o quanto, ao longo do século XX, ocorreram significativas mudanças culturais. Na conjunção dos seus mais diversos acontecimentos e fenômenos, dentre estes alguns, sem dúvida, mais notáveis como as Guerras Mundiais, a Guerra Fria, a ascensão das grandes mídias, a mobilidade tecnológica. Mas podemos também falar de um processo de alteração no cotidiano que talvez sem grandes alardes exercesse influência, atravessando o século, sobretudo, sua segunda metade.

Há, portanto, um debate entre os estudiosos que entendem a atualidade como a modernidade ainda vívida, agora com a acentuação dos seus pressupostos e os outros que, de modo distinto, a consideram como a emergência de uma época nova que conservaria em si vários dos pressupostos modernos, continuando-os, mas apresentando também novos elementos bastante significativos, próprios da segunda metade do século XX e em pleno vigor no XXI. Muito embora a discussão sobre haver ou não uma recente mudança de época seja tão interessante quanto instigante, destacamos que no presente trabalho o mais relevante é o reconhe-

⁷ Esclarecemos que, por vezes, lançamos mão do vocábulo atualidade para designar a cultura contemporânea ou contemporaneidade.

cimento dos fenômenos presentes nas últimas décadas e na atualidade – os modos de subjetivação encontrados neste contexto e, fundamentalmente, as possíveis implicações para a memória. Faz-se necessária, então, uma abordagem sobre tais modos de subjetivação, uma vez que estes são próprios do tempo recente e atual.

Sendo assim, o itinerário traçado para esta investigação parte de um marco situacional do nosso tempo, ao qual nos referimos como contemporâneo, considerando em especial a perspectiva de Agamben (2009/2014). Em outras palavras, com o olhar atento para a dinâmica própria deste tempo identificada nos fenômenos que incidem sobre a formação dos sujeitos, visamos montar um *quebra-cabeça* da atualidade para pensar sobre a memória neste contexto. Como estratégia para tal, tomamos como recurso para iniciar a reflexão sobre nosso cenário o filme *Nós que aqui estamos por vós esperamos* (Masagão, 1999), precisamente porque toma como seu alvo o século XX, caracterizando-se como um filme-memória desse período tão caro para a leitura da cultura contemporânea.

Após a contextualização, damos o segundo passo em direção a Freud, o autor através de quem buscamos tecer nossa leitura, posto que o reconhecemos como observador atento do seu tempo, ou seja, da sociedade moderna e dos sujeitos de então. Podemos notar que em Freud a memória se torna um elemento presente no conjunto mais amplo das investigações às quais se dedica. Desse modo, consideramos Freud como o teórico que delinea uma abrangente problematização acerca do sujeito em seu indelével entrelace com a cultura em voga. Defendemos que ele pode ser reconhecido dentro da perspectiva de contemporâneo tal como formulada por Agamben (2009/2014), uma vez que se caracteriza como personagem atento ao seu tempo, sem, contudo, deixar-se conter nele. Ao contrário, tanto o passado é recorrentemente trazido à cena em seus textos, nas citações e releituras dos mitos gregos, por exemplo, relacionando-os às questões com que se depara em seu trabalho teórico-clínico, quanto o futuro, pois, gradativamente, percebe que estava elaborando algo novo em relação aos demais saberes e práticas até então conhecidos.

Seu trabalho resulta em questões capazes de fomentar aprofundamentos e desdobramentos posteriores a partir da subversão que opera perante as premissas modernas de compreensão do sujeito, quais sejam, o autocentramento do sujeito no eu e na consciência (Birman, 2006); a consciência, a subjetividade, a experimentação e a atividade crítica